



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS



**DESGARRAMENTO E PONTUAÇÃO: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA SOBRE
PRODUÇÕES DE VESTIBULANDOS**

David Novaes Cidade

Rio de Janeiro

2020

DAVID NOVAES CIDADE

DESGARRAMENTO E PONTUAÇÃO: UMA ANÁLISE
FUNCIONALISTA SOBRE PRODUÇÕES DE
VESTIBULANDOS

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Letras na habilitação Português/
Alemão.

Orientadora: Prof. Doutora Violeta Virginia Rodrigues

RIO DE JANEIRO

2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos seres divinos que me protegem e me guiam nas empreitadas dessa vida. Apesar de muitas vezes não ouvidos pelos meus ouvidos teimosos, continuam a me soprar benevolências.

Agradeço a minha família, sobretudo a minha vó Judith, que se foi tão recentemente, mas continua no meu coração. Dedico ainda esse trabalho a minha mãe Maria Cristina Novaes Cidade, ao meu pai José Renato de Mattos Cidade e a meu irmão Arthur Novaes Cidade, que me aturam, me ouvem, me respeitam e apoiam nas mais diversas situações.

Agradeço ainda as minhas tias e primas que me demonstraram o que é ter uma família e a minha avó Maria Eulália que está sempre por perto para acalantar.

Agradeço a minha orientadora Violeta Virginia Rodrigues que não só acreditou em mim e me ensinou a pesquisar, como também me mostrou que é possível estar na Academia e continuar sendo humilde e honesto a si mesma.

Agradeço aos demais professores que somaram na minha formação e ensinaram a importância do ensino de qualidade para todos. Em especial à professora Maria Fernanda por proporcionar uma experiência de estágio única.

Agradeço ainda ao meu amigo e companheiro Alex Jefferson Medeiros por todo o apoio ao longo dessa árdua graduação e que até recentemente estava revisando essa monografia pra mim.

Agradeço ao meu amigo Anderson Silva por me aturar a beça. Às amigas e amigos da graduação e da vida: Marise Lourenço, Ynaiara dos Santos, Liane Scribelk, Neko, Jéssica Zambello, Natália Bonn, Natália Pires, Alice Meireles, Gabriel Ferreira e Stéphane Marçal e aos colegas que caminharam comigo ao longo dessa graduação.

Agradeço em especial ao movimento Licença Poética por ter me proporcionado ensinamentos que não se adquirem em sala de aula.

E, por fim, agradeço a Faculdade de Letras e a UFRJ por ter me permitido amadurecer e aprender a resistir às intempéries causadas pela vida e pelas próprias dinâmicas, as vezes doente, da Universidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	8
2.1 A SUBORDINAÇÃO NA GRAMÁTICA TRADICIONAL	8
2.2 A PONTUAÇÃO NA GRAMÁTICA TRADICIONAL	9
2.3 <i>USO NÃO-CONVENCIONAL</i> DA PONTUAÇÃO	12
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	13
3.1 LINGUÍSTICA FUNCIONALISTA	13
3.2 <i>DESGARRAMENTO</i>	15
3.3 A PONTUAÇÃO COMO OPERADORA SINTÁTICA E SEMÂNTICA E O PONTO DE ARGUMENTAÇÃO	18
4. METODOLOGIA	22
5. RESULTADOS OBTIDOS E ANÁLISE	23
6. CONCLUSÃO	31
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
8. APÊNDICE – <i>CORPUS</i> DO ESTUDO	32
9. ANEXO	37

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Definições de subordinação na GT.....	8
Quadro 2 – <i>Continuum</i> das categorias proposto por Hopper e Traugott (1993).....	11
Quadro 3 – Tratamento do ponto ./ na GT.....	15

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tipo de desgarrada.....	24
Gráfico 2 – Formato do articulador (HRA).....	25
Gráfico 3 – Formato do articulador (HA).....	25
Gráfico 4 – Função textual-discursiva.....	28

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Elemento com o qual a desgarrada se articula.....	26
Tabela 2 – Tipo de sequência na qual a desgarrada ocorre.....	29
Tabela 3 – Modo verbal da cláusula e forma da cláusula.....	30

1. INTRODUÇÃO

É inegável que o ensino de gramática normativa no Brasil tende a adotar métodos que abordam a língua portuguesa de forma descontextualizada. Um aspecto reiterado por essa visão é o da dependência sintática de orações subordinadas a principais. Segundo a gramática tradicional (doravante GT), as orações subordinadas devem estar sempre junto de suas principais, pois são sintaticamente dependentes dessas. Com exceção da vírgula, nenhum outro sinal de pontuação é prescrito no âmbito do período composto para separá-las.

Há estudos de linha funcionalista, entretanto, que verificam a ocorrência de cláusulas “subordinadas” (denominadas pela GT como tal) separadas das principais, isto é, cláusulas que tradicionalmente ocorreriam dependentes, ocorrendo sintaticamente independentes e separadas pelo sinal de pontuação **ponto /./**¹. Decat (1993, 2011) chama esse fenômeno pelo qual se identificam unidades de informação que ocorrem soltas nas estruturas linguísticas de *desgarramento*. Para depreendê-lo melhor, faz-se necessário investigar os processos envolvidos na articulação de cláusulas e como a pontuação auxilia na identificação desse fenômeno.

Na perspectiva tradicional, verificou-se que apenas dois processos sintáticos são legitimados para a composição do período composto: a coordenação e a subordinação. Tais conceitos não dão conta da ocorrência *desgarrada* de orações “subordinadas” adjetivas explicativas e “subordinadas” adverbiais encontradas nesse estudo. Isso por que o processo sintático que estrutura essas cláusulas é a *hipotaxe* e não a subordinação, segundo a perspectiva funcionalista aqui adotada.

Na teoria funcionalista, a *hipotaxe* (Hopper e Traugott, 1993) é o processo em que uma cláusula se combina com outra – sendo essa denominada cláusula núcleo – sem estabelecer uma relação de constituência com outra. Isto é, a cláusula que estabelece esse tipo de relação (portanto, cláusula hipotática) é satélite de uma cláusula núcleo. Há uma relação de *núcleo-satélite* (Matthiessen e Thompson, 1988) no cerne desse processo sintático que propicia a maior ocorrência dessas estruturas como *desgarradas*.

Novamente da GT, revisa-se o tratamento dado à pontuação. Na maioria das gramáticas consultadas, o fazer da pontuação é conceituado comparando os sinais de

¹ Decidiu-se nesse trabalho adotar a forma escrita seguida da realização gráfica dos sinais de pontuação para facilitar a identificação do sinal referido.

pontuação com elementos constituintes da língua falada. Ignora-se o fato de a pontuação ser um recurso exclusivo da língua escrita e, apesar de estabelecer, sim, relações com o registro oral, deter inúmeras particularidades relativas apenas ao escrever.

Além disso, o tratamento dado aos usos dos sinais de pontuação pelos gramáticos tradicionais, aliado as suas conceituações sobre subordinação, não contemplam de forma nenhuma a ocorrência de cláusulas como (1). Na perspectiva tradicional, a cláusula em negrito seria considerada erro e a pontuação empregada antes do verbo “oferecendo” seria um desvio total das regras gramaticais.

(1)

O Governo, portanto, deve investir amplamente na educação da sociedade e pontualmente na conscientização da família acerca dos mecanismos de coibição contra a violência sexual. **Oferecendo incentivo às empresas para financiar campanhas e projetos em prol dos adolescentes de baixa renda que vivem em situações preocupantes.** (*Desgarrada* 19 - Hipotática adverbial 7)

Faz-se necessário, então, outra visão sobre a pontuação. As autoras Tenani e Soncin (2010, 2015) falam de *uso não-convencional* da pontuação para abarcar ocorrências dos sinais de pontuação desviantes da GT, mas que apresentam motivação enunciativa. Para elas, o **ponto /./** em (1) e no *desgarramento*, portanto, é um *uso não-convencional* que releva uma intenção discursiva do escrevente. A postulação de Tenani e Soncin (2010, 2015) elucida o uso desse sinal como marca da independência sintática das cláusulas *desgarradas* na escrita, porém é em Dahlet (2006) que se encontra o conceito que fundamenta o uso da pontuação nesse estudo.

Segundo Dahlet (2006), a pontuação é operadora sintática e semântica e, portanto, consubstancial à produção textual e não, acessória a ela. O uso do **ponto /./** no fenômeno do *desgarramento* não só modifica a estrutura sintática do período como também atua na pragmática da construção que rematiza. Dahlet (2006) chama de *ponto /./ de argumentação* o **ponto /./** utilizado para destacar a cláusula *desgarrada* e, por conseguinte, produzir o maior efeito de argumentação junto à *desgarrada*.

Então, adotando-se a proposta funcionalista de que as relativas apositivas e adverbiais constituem casos de hipotaxe e não de subordinação; partindo da ideia que a pontuação é operadora sintática e semântica e observando os usos efetivos empregados pelo escrevente, analisa-se o *desgarramento* como favorecedor da argumentação textual em redações de vestibulandos.

Foram analisados para esse estudo 197 textos do banco de redações do site *educacao.uol.com.br*. Nesses foram encontrados 19 casos de cláusulas *desgarradas*, sendo 11 de relativas apositivas e 8 de hipotáticas adverbiais, que foram analisadas segundo os seguintes critérios: tipo de *desgarrada*; formato do articulador; função textual-discursiva; tipo de sequência em que a *desgarrada* ocorre; elemento com o qual se articula; conteúdo semântico veiculado; modo verbal da cláusula; *status* do articulador; e forma da cláusula.

Assim, esse estudo parte da hipótese de que o *desgarramento* é um fenômeno que atua na argumentação textual e esperava-se que a análise do *corpus* evidenciasse sua força como elemento marcador disso nos textos de vestibulandos.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 A SUBORDINAÇÃO NA GRAMÁTICA TRADICIONAL

Visto que o objetivo desse estudo é depreender o uso *desgarrado* de cláusulas hipotáticas adverbiais e apositivas em redações de vestibulando, faz-se necessário primeiro verificar o que a Gramática Tradicional diz a respeito de tais construções. Denominadas na perspectiva tradicional, respectivamente, como orações subordinadas adverbiais e orações subordinadas adjetivas explicativas, investiga-se aqui quais conceitos embasam essas categorizações e como eles se relacionam com o fenômeno do *desgarramento*. Para tal, as seguintes gramáticas foram consultadas: Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (2006), Luft (2002) e Bechara (2003).

O tratamento dado na tradição gramatical para a subordinação é fundamental pra esse estudo. Segundo a GT, os períodos compostos por subordinação têm sempre a oração principal e uma ou mais orações subordinadas que a complementam. As orações subordinadas, portanto, desempenhariam sempre uma função sintática junto às principais, sendo dependentes sintaticamente destas e não podendo existir sozinhas. O quadro a seguir traz as definições das gramáticas consultadas a respeito desse tema:

Rocha Lima (2006, p.261)	“No período composto por subordinação, há uma oração principal, que traz em si, como dependente, outra ou outras. Dependentes, porque cada uma tem seu papel como um dos termos da oração principal.”
Luft (2002, p.79)	“(…) subordinada é a oração que depende de outra (dita principal). Havendo uma oração subordinada há também uma principal; são termos correlativos: não há principal sem subordinada, nem subordinada sem principal.”
Bechara (2003, p.561-562)	“(…) o conjunto complexo <i>que a noite chegou</i> não passa de um termo sintático na oração complexa <i>O caçador percebeu que a noite chegou</i> , que funciona como objeto direto do núcleo verbal <i>percebeu</i> . Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. (...) Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá (...) como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.”
Cunha e Cintra (2001, p.594)	“As orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração, chamam-se subordinadas. O período constituído de orações subordinadas e uma oração principal denomina-se composto por subordinação.”

Quadro 1 – Definições de subordinação na GT

Observa-se no quadro 1 que, em geral, os teóricos tradicionais utilizam-se de uma noção de dependência sintática e semântica para conceituar a subordinação. Cunha e Cintra (2001), por exemplo, afirmam que as subordinadas não têm nenhuma autonomia gramatical, pois funcionam como “termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração”, encontrando a afirmação de Rocha Lima (2006), ambas pautadas num critério essencialmente sintático. Nesses autores, as orações subordinadas são resumidas às funções sintáticas que exercem dentro do período que compõe.

Luft (2002), por sua vez, marca uma suposta interdependência entre subordinadas e principais, valendo-se assim tanto do critério sintático, quanto do semântico. E Bechara (2006) afirma que na subordinação não há propriamente dito um período composto, mas, sim, uma “oração complexa”, porque subordinada e principal juntas comporiam uma única unidade.

Percebe-se, então, que os critérios adotados tanto em Luft (2002) e Bechara (2006) quanto em Cunha e Cintra (2001) e Rocha Lima (2006) são dissonantes entre si e limitam a articulação de cláusulas ao nível da sentença. Nessa perspectiva, um fenômeno como o *desgarramento* não tem respaldo teórico. Isso por que essas gramáticas não partem da observação da língua para depreender seus fenômenos – antes, prescrevem, criando normas e modelos a serem seguidos e, conseqüentemente, rejeitando quase sempre as ocorrências advindas dos usos linguísticos efetivos.

Portanto, sendo, nessa perspectiva, as subordinadas constituintes de uma principal – não podendo ocorrer separadas dessa – não deveriam se realizar separadas por pontuação terminativa (sinais de grande amplitude, cf. Dahlet 2006, p.56), isto é, o **ponto /./**, a **exclamação !/**, a **interrogação !?/** e as **reticências /.../**. No entanto, como já mencionado, as cláusulas que se materializam *desgarradas* contradizem essa afirmação. Na próxima seção, debate-se um pouco mais sobre a pontuação na perspectiva tradicional e sua relação com o *desgarramento*.

2.2 A PONTUAÇÃO NA GRAMÁTICA TRADICIONAL

Ainda sob a perspectiva da GT, investiga-se agora o tratamento dado por essa abordagem para a pontuação. A princípio, é possível afirmar que não há consenso sobre o fazer *pontuacional* (Dahlet, 2006) nas perspectivas dos gramáticos tradicionais. Os critérios que norteiam suas definições são variáveis e, por muitas vezes, baseiam-se no registro oral da língua para definir a ocorrência da pontuação – fundamentalmente pertencente ao registro escrito.

Uma dessas definições que aproximam língua falada de língua escrita é a de Rocha Lima (2006). Segundo o autor, há na língua “pausas rítmicas” que são assinaladas na pronúncia por entoações características e na escrita por sinais especiais. As pausas do discurso escrito são categorizadas em: “1) Pausa que não quebra a continuidade do discurso, indicativa de que a frase ainda não foi concluída”; “2) Pausa que indica término do discurso ou de parte dele”; 3) “Pausa que serve para frisar uma intenção ou estado emotivo” (ROCHA LIMA, 2006, p. 458).

De forma parecida a Rocha Lima, Cunha e Cintra (2001) relacionam a pontuação à oralidade, pois essa serviria para “reconstituir aproximadamente o movimento vivo da elocução oral”, pois a língua escrita não dispõe “dos inumeráveis recursos rítmicos e melódicos da língua falada”. E dividem os sinais de pontuação em pausais – que marcam pausa – e melódicos – que tem como “função essencial marcar a melodia, entoação” (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 643).

Luft (2002) é mais breve ao afirmar que a pontuação é o “sistema de sinais com que se representam os fonemas supra-segmentais, principalmente as pausas” (LUFT, 2002, p.240). Ora, fonemas suprasegmentais têm relação com os aspectos do discurso ligados à prosódia, como por exemplo: a entonação, a melodia, a ênfase. Com outras palavras, Luft (2002)

utiliza-se do mesmo critério que Rocha Lima (2002) e Cunha e Cintra (2001) para definir a pontuação.

Fica claro a partir da observação dessas colocações que não há aprofundamento sobre o que é e como se dá o fazer *pontuacional* de fato na língua portuguesa. Ao aproximar fala e escrita em suas definições, os autores ignoram que o registro escrito da língua tem diversas particularidades que não existem no registro oral. Há um grande *continuum* entre fala e escrita, no qual os gêneros textuais escritos se inserem; isto é, existem textos do registro escrito produzidos para serem oralizados e textos que nunca o serão.

Diferentemente dos autores supracitados, Bechara (2003) conceitua o fazer da pontuação a partir de suas efetivas funções nos usos linguísticos. Ancorado na teoria de Nina Catach (1994), o autor afirma que os sinais de pontuação exercem funções relacionadas à sintaxe, gramática, entoação e semântica da língua. Tais sinais seriam “unidades sintáticas, ‘sinais de orações’ e ‘sinais de palavras’, podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor” (BECHARA, 2003, p.604).

Das definições aqui apresentadas, a proposta de Bechara (2003) é a mais próxima a Dahlet (2006) (trabalho que fundamenta a parte de pontuação do presente estudo) e que tenta contemplar os diversos aspectos relativos ao fazer *pontuacional*. O autor chega a afirmar que “é bem provável, que” certos tipos de pontuação “pertencem à iniciativa e decisão do autor no seu desejo de levar ao texto algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entoacional, além das palavras e construções utilizadas” (BECHARA, 2003, p.605).

Ora, tal afirmação permitiria interpretar que o uso do **ponto /.²** a favor do *desgarramento*, por exemplo, é fruto da intenção comunicativa do escrevente. O **ponto /./ de argumentação** (cf. Dahlet 2006), que realça/destaca as cláusulas *desgarradas*, é uma marca evidente de “expressividade” a favor da argumentação.

Essa definição de Bechara (2003) aproximar-se-ia dos fundamentos elencados para análise do fenômeno aqui estudado, porém o autor se contradiz ao descrever os usos dos sinais de pontuação. Em sua obra, assim como nas obras de alguns dos outros teóricos, há listas de usos dos sinais de pontuação – em sua maioria, prescritos a partir de obras literárias. No quadro a seguir, estão algumas definições para o **ponto /./** presentes na GT.

² Para facilitar a leitura, doravante, toda vez que algum sinal de pontuação for citado, sua respectiva representação gráfica estará ao lado entre barras.

	Ponto-final	Ponto-parágrafo	Ponto simples	
Bechara (2003, p.605)	X	X		“(...) se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto parágrafo .” “O ponto simples final , que é dos sinais que denota maior pausa, serve para encerrar os períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja interrogativa direta, a exclamativa e as reticências”
Cunha e Cintra (2001, p.650)	X	X	X	O ponto : “(...) assinala uma pausa máxima na voz depois de um grupo fônico de final descendente. Emprega-se, pois, fundamentalmente, para indicar o término de uma oração declarativa, seja ela absoluta, seja a derradeira de um período composto”
Rocha Lima (2002, p. 466 - 467)	X	X	X	Ponto simples : “final das orações independentes e no final de cada oração ou período que, associados pelo sentido, representarem desdobramentos de uma só ideia central -, sem mudança sensível, portanto, do teor do conjunto.” Ponto parágrafo : “é de rigor quando, concluída uma unidade de composição, se vai iniciar outro de teor diferente”. Ponto final : “quando com ele se encerra definitivamente o trecho”
Luft (2002)	X	/	X	Não há definições.

Quadro 2 – Tratamento do **ponto /./** na GT

Percebe-se que não há consenso sobre os usos do **ponto /./**. Os autores ora se baseiam na oralidade (como Cunha e Cintra(2001)), ora se baseiam na posição ocupada pelo sinal dentro da oração (Rocha Lima (2002) e Bechara (2003)) e ignoram que a pontuação é “consustancial à produção textual, ou seja, simultânea e não consecutiva, já que a pontuação é operadora sintática e semântica” (DAHLET, 2006, p.36-37). Nessa perspectiva, portanto, o **ponto /./** no *desgarramento* – tendo em vistas as definições de pontuação e subordinação de todos os autores – não é legitimado. Antes, seria considerado erro ou desvio linguístico.

Ainda em Bechara (2003), observa-se outra problemática. Se os sinais de pontuação exercem funções no todo do registro escrito (como apontado pelo autor), não há necessidade de distinção entre “ponto-parágrafo” e “ponto-final”. A função do **ponto /./** nas duas definições destacadas no quadro 2 é separar unidades linguísticas. Ao postular duas categorias para o mesmo o uso do **ponto /./**, o autor elenca o critério posição em detrimento do critério função exercida pelo sinal, ignorando suas próprias postulações a respeito da

pontuação.

Das gramáticas consultadas, apenas uma obra (Cunha e Cintra, 2001) apresenta certa intuição a respeito do uso do **ponto /./** no *desgarramento*, porém apenas chancelado para “escritores modernos [...] quando usado adequada e sobriamente”:

“O PONTO tem sido utilizado pelos escritores modernos onde os antigos poriam PONTO-E-VÍRGULA, ou mesmo VÍRGULA. Trata-se de um eficiente recurso estilístico, quando usado adequada e sobriamente. **Com a segmentação de períodos compostos em orações absolutas, ou com a transformação de termos destas em novas orações**, obriga-se o leitor a ampliar as pausas entre os grupos fônicos de determinado texto, com o que lhe modifica a entoação e, conseqüentemente, o próprio sentido. **As orações assim criadas adquirem um realce particular: ganham em afetividade e, não raro, passam a insinuar ideias e sentimentos, inexprimíveis numa pontuação normal e lógica.**”

(CUNHA & CINTRA, 2001, p. 651; grifos meus)

A esse recurso linguístico, as autoras Soncin e Tenani (2010) denominam *uso não-convencional*.

2.3 USO NÃO-CONVENCIONAL DA PONTUAÇÃO

Ainda sobre o tema, Tenani e Soncin (2010) e Soncin e Tenani (2015) investigam a pontuação a partir do princípio de que “a heterogeneidade é constitutiva da escrita”. Isto é, a escrita é composta pelos trânsitos entre as práticas orais e práticas letradas/escritas das quais o escrevente faz parte.

As autoras analisam os empregos e não-empregos da vírgula em produções escritas do ensino fundamental (tendo como ponto de partida os pressupostos da GT) para depreender as motivações dos usos desse sinal. Para tal, entretanto, as autoras optam por abandonar uma abordagem normativa e assumem “uma perspectiva enunciativa, na qual o texto é produto da enunciação e o sujeito escrevente é o enunciador” (TENANI E SONCIN, 2010, p.50). Assim, cunham o termo *uso não-convencional* para se referir aos usos da pontuação não referidos na tradição gramatical.

Sobre o *uso não-convencional* da vírgula, as autoras afirmam:

“[...] o dado não convencional se configura como lugar que possibilita discutir a complexidade do uso da vírgula como marca gráfica da **heterogeneidade da escrita**. Ao ‘estar fora da convenção’, o uso não convencional revela um funcionamento linguístico subjacente”.

(SONCIN E TENANI, 2016, p.480)

Assim como o uso da vírgula, o uso do **ponto /./** no *desgarramento* pode ser entendido como um *uso não-convencional* que denuncia “a decisão do sujeito de não seguir a convenção por uma questão que extrapola os limites sintáticos e textuais e tem uma dimensão enunciativa” (TENANI E SONCIN, 2010, p.51). Tenani e Soncin (2010) e Soncin e Tenani (2016) abrem caminho para o entendimento da pontuação a partir de uma perspectiva centrada no uso.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

3.1 LINGUÍSTICA FUNCIONALISTA

Como observado no último capítulo, os estudos de linha tradicional não contemplam a multiplicidade dos usos linguísticos do Português; muitos fenômenos, como o *desgarramento* abordado aqui, não são admitidos por essa proposta. Portanto, para contemplar esses outros usos da língua – que são reais e efetivos – faz-se necessária outra abordagem: a funcionalista.

O funcionalismo tem como princípio básico observar e analisar a língua a partir de seus usos efetivos. Nessa visão, a língua é um mecanismo vivo inserido num contexto de comunicação e de interação – não há sentido em concebê-la de forma descontextualizada. Aqui, a famigerada expressão “Leite com manga, morre” (que dá nome à obra de Decat, 1993) é perfeitamente gramatical e compreensível no contexto comunicativo-interacional, na qual está inserida.

Nessa linha de pensamento, o trabalho de Matthiessen e Thompson (1988) faz-se importante para compreensão do fenômeno do *desgarramento*. Esses teóricos defendem que dentro de um texto há relações de organização (relações retóricas³) que constroem o discurso como um todo, sendo a principal para o presente estudo a relação de *núcleo-satélite*.

A partir desse conceito, não se constitui a sintaxe de um texto apenas por coordenação ou subordinação; algumas cláusulas estão ao redor – como satélites – de um núcleo, porém não o constituem. Observando as seguintes cláusulas, concebidas pela GT como “subordinada substantiva” e “subordinada adverbial”, respectivamente, pode-se depreender melhor essa relação *núcleo-satélite*:

³ Cf. Estrutura retórica do texto – Matthiessen & Thompson (1988)

(1)⁴

Os comerciantes desconhecem *que a mercadoria terá mais saída no próximo verão.*
(BECHARA, 2006, p.564)

(2)

O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento.*
(BECHARA, 2006, p.572)

A cláusula em destaque em (1) é argumento interno do verbo “desconhecer”, ou seja, a subordinada completa o sentido da cláusula-matriz; juntas, elas formam uma unidade de informação⁵. A segunda, no entanto, não apresenta essa relação de constituição com a cláusula núcleo. Se, por exemplo, ambas as cláusulas em destaque fossem deslocadas para os começos de suas respectivas sentenças, apenas a segunda continuaria fazendo sentido. Isso, porque a adverbial não é subordinada; antes, o processo sintático pelo qual se constitui essa cláusula é a *hipotaxe* (ela é uma hipotática adverbial). Na *hipotaxe*, as cláusulas não são encaixadas a núcleos; elas são satélites deles. Há, na verdade, uma relação de combinação entre os constituintes da sentença.

Ainda nessa mesma perspectiva, Hopper e Traugott (1993) propõem a análise da articulação de cláusulas a partir de um *continuum* com as seguintes categorias: *parataxe* – as coordenadas na GT; *hipotaxe* – correspondente às subordinadas adjetivas explicativas e adverbiais; e *subordinação* – correspondente à subordinada adjetiva restritiva e às subordinadas substantivas. Os autores utilizam ainda os conceitos de *dependência* e *encaixamento* para analisar as categorias, em que a *dependência* diz respeito à relação semântica entre os constituintes da sentença e *encaixamento* à relação sintática.

Parataxe	>>	Hipotaxe	>>	Subordinação
- encaixamento		-encaixamento		+ encaixamento
-dependência		+dependência		+ dependência

Quadro 3 – *Continuum* das categorias proposto por Hopper e Traugott (1993)

Observando o quadro 3, nota-se que na *hipotaxe*, a cláusula mantém um vínculo semântico com a matriz, porém são sintaticamente independentes. Isso se dá por que as hipotáticas se combinam com as cláusulas matrizes e não as constituem, como na subordinação.

⁴ Optou-se por iniciar, a cada novo capítulo, uma nova numeração dos dados analisados.

⁵ Cf. Chafe (1980)

Com base no *continuum* e nas explicações anteriores, depreende-se que as hipotáticas são menos encaixadas do que as subordinadas e, por isso, Decat (2011) afirma que essas cláusulas ocorrem *desgarradas* com mais frequência.

3.2 DESGARRAMENTO (DECAT, 2011)

Como observado anteriormente, as noções funcionalistas de *núcleo-satélite* e do *continuum* de articulação de cláusulas permitem compreender o que Decat (1993, 1999, 2001a, 2001b, 2002, 2004, 2008a, 2008b, 2009a, 2009b, 2010, 2011) denominou *desgarramento*. Segundo a autora, esse fenômeno

(3)
 “[...] refere-se, aqui, à **ocorrência desgarrada** de uma estrutura, produzida pelo falante/escritor **já como uma estrutura não anexada sintaticamente ao que a antecede**, e não, numa leitura gerativista, como uma estrutura que teria se *desgarrado*, se desprendido de uma ‘estrutura-mãe’.”

(DECAT, 2011, p.144)

A autora classifica como *desgarramento* os casos de cláusulas que ocorrem isoladas, independentes de cláusulas matrizes ou cláusulas núcleos. Na escrita, como afirmado por Decat (2011) e ratificado nesse estudo, o uso do **ponto /./** – de forma *não-convencional* (Soncin e Tenani, 2015) – é indicador do fenômeno.

As hipotáticas, devido sua natureza parentética, podem materializar-se independentes sintaticamente com mais frequência. Entretanto, como indica ainda a autora, não apenas as hipotáticas, mas também as subordinadas propriamente ditas (a subordinada adjetiva restritiva e as subordinadas substantivas da tradição gramatical) podem ter ocorrência *desgarrada*. O exemplo a seguir utilizado por Decat (2011) elucida isso:

(4)
 “[...] Em outras palavras, se ficar claro que conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra. **Que saber uma língua é uma coisa e saber analisá-la é outra. Que saber usar suas regras é uma coisa e saber explicitamente quais são as regras é outra. Que se pode falar e escrever numa língua sem saber nada “sobre” ela, por um lado, e que, por outro lado, é perfeitamente possível saber muito “sobre” uma língua sem saber dizer uma frase nessa língua em situações reais.**”

(POSSENTI, 1996, p.53-54 *apud* DECAT, 2011, p.36; grifos meus)

As cláusulas em destaque, apesar de terem um elo semântico com a matriz do primeiro período, materializam-se *desgarradas*. Isso é possível, pois elas representam uma unidade informacional à parte.

O conceito de unidade informacional, proposto por Chafe (1980), é utilizado por Decat (2011) para elucidar o fenômeno do *desgarramento*. Segundo o autor, essa unidade é um bloco de informação emitido pelo escrevente de uma só vez, contendo sentido fechado e completo em si. Nesse sentido, uma cláusula matriz juntamente com sua respectiva subordinada (isto é, a subordinada da teoria funcionalista) representam um único bloco de informação, pois somente juntas constituem sentido fechado e completo. Uma hipotática *desgarrada*, no entanto, representa uma unidade de informação à parte, “um jato de linguagem”, pois o escrevente a concebe como completa em si, produzindo-a como tal, ou seja, marcando sua independência com o **ponto /./**.

Mas a que propósito discursivo serve o *desgarramento*?

Como um estudo de linha funcionalista, entender a finalidade comunicativa exercida pelo fenômeno estudado é fundamental. Segundo Decat (2009a), o *desgarramento* funciona “como um **mecanismo sintático a serviço da estratégia de focalização**” (DECAT, 2009a, p.130), que tem relação com a relevância do que se diz a respeito de alguma coisa. Portanto, a realização *desgarrada* de uma cláusula é a manifestação da necessidade de destacar/focalizar uma informação para atribuir a ela maior peso discursivo. Por sua vez, esse destaque/foco está pragmaticamente a serviço da argumentação textual.

O exemplo a seguir ilustra a força argumentativa contida na ocorrência *desgarrada* de uma cláusula:

(5)

Neste cenário desfavorável, alternativas surgem e animam o jovem estudante, como o sistema de cotas. Esta saída promete ao aluno uma perspectiva maior numa sociedade excludente em que é obrigado a lidar todos os dias. **Ainda que a parte majoritária do país seja marcada pela pobreza.** (*Desgarrada* 16 - Hipotática adverbial 4)

A cláusula em negrito no exemplo (5) contém uma ressalva ao tema debatido. Se a realização da hipotática não fosse *desgarrada*, o peso da argumentação seria mais atenuado/pouco expressivo. Ao conceber essa cláusula como sintaticamente independente, o escrevente opta por uma estratégia discursiva que concede ao seu argumento de maior peso. Além disso, o *desgarramento* “contribui para a organização do fluxo informacional, colocando-se, portanto, a serviço da produção textual” (DECAT, 2009a, p.121).

Ainda sobre o propósito discursivo do fenômeno, a autora investiga quais funções textual-discursivas exercem as cláusulas *desgarradas* num texto, isto é, como a partir da sintaxe e da pragmática, o *desgarramento* auxilia na construção discursiva do texto.

A partir dessa investigação, a autora postula algumas funções textual-discursivas desempenhadas pelas hipotáticas apositivas e adverbiais (Decat, 2009a e 2011), das quais apenas quatro são relevantes para o presente estudo. São elas: adendo, avaliação, foco e retomada. Os exemplos seguintes presentes em Decat (2009a e 2011) elucidam tais funções:

(6)

No LanciaLybra, tudo foi pensado para melhorar a qualidade de vida. A começar pelo acolhimento que lhe reservamos, quando pedir para o experimentar. **Uma vida de qualidade.** (VISÃO – n. 343, Lisboa, 7 a 13 de outubro de 1999, p.4)

(7)

Um dos itens do último censo que mais provocaram comentários de especialistas e palpites em geral foi a queda da “popularidade” da Igreja Católica no Brasil. **Queda que vem se acentuando de censo a censo e que aparentemente coloca a chamada Nau de Pedro à beira do naufrágio no encapelado mar da modernidade.** (Carlos Heitor Cony, O gênero e o grau, Folha de São Paulo, Caderno Opinião, 26/05/02, p. A2)

(8)

Na hora agá, ela fraquejou. Não apareceu. Não pulou a janela com a trouxa. Ele acabou se afastando desiludido, mas começou a mandar cartas para elas através de um amigo. **Que não as entregou.** Ao contrário, guardou-as, começou a namorar a moça e logo casou-se com ela. (Affonso Romano de Sant’Anna – Fugir por amor, Estado de Minas, caderno Cultura, 14/11/04, p. 8)

(9)

[...] Existem cidades actuais, modernas... e cidades que se adiantaram no tempo. Desenhadas **para serem percorridas. Para nelas mergulharmos.** (VISÃO, nº 342, 7 a 13 de outubro de 1999, p.29)

A hipotática *desgarrada* presente no exemplo (6) é um caso de avaliação; o fragmento *desgarrado* tece um comentário avaliativo sobre a porção de texto anterior. No exemplo seguinte, a função é de retomada, pois a cláusula retoma o que foi dito anteriormente. Em (8), a cláusula em destaque exerce função de adendo; ela é uma informação “dada tardiamente” (Decat, 2009a). E, por fim, tem-se a função de foco que, segundo a autora, é “materializada como realce, avaliação, ênfase, argumentação” (DECAT, 2009, p.144). Pode-se entender essa função também como o “foco de culminância” do discurso, isto é, todo o movimento textual “deságua” na informação contida na cláusula com essa função.

Agora, com os aspectos teóricos do *desgarramento* esclarecidos, pode-se seguir para a ferramenta final para análise desse estudo: a pontuação.

3.3 A PONTUAÇÃO COMO OPERADORA SINTÁTICA E SEMÂNTICA E PONTO DE ARGUMENTAÇÃO (DAHLET, 2006)

Dahlet (2006) investiga os usos dos sinais de pontuação a partir dos processos que desencadeiam suas ocorrências. Diferentemente das gramáticas tradicionais, que apenas expõem e reproduzem modelos pré-estabelecidos de quando e como pontuar, a autora analisa os usos *puntuacionais*⁶ sem desprendê-los da intenção comunicativa dos escreventes, pois “a pontuação se situa ao lado da escrita e da leitura, isto é, da produção e da recepção do sentido [...]” (DAHLET, 2006, p.23).

A pontuação é concebida aqui a partir da análise dos seus usos textuais efetivos e de sua funcionalidade em cada contexto comunicativo escrito. Ressaltam-se as múltiplas possibilidades de pontuar um mesmo trecho e como cada possibilidade *puntuacional* pode evocar uma intenção discursiva distinta. Exemplo disso é o seguinte dado do *corpus*:

(10)

Neste cenário desfavorável, alternativas surgem e animam o jovem estudante, como o sistema de cotas. Esta saída promete ao aluno uma perspectiva maior numa sociedade excludente em que é obrigado a lidar todos os dias. **Ainda que a parte majoritária do país seja marcada pela pobreza.** (*Desgarrada* 16 - Hipotática adverbial 4)

Em (10), o emprego do **ponto /./** indica não só a autonomia sintática da cláusula em negrito, como também enfatiza sua argumentatividade por meio da segmentação; em outras palavras, evidencia o *desgarramento*. Em detrimento dos sinais de pontuação **vírgula /,/** ou **ponto-e-vírgula /;/** – sinais tradicionalmente prescritos para esse contexto, esse uso *não-convencional* (Tenani, 2010) exemplifica a versatilidade da pontuação e o reflexo de sua utilização no discurso.

Nessa perspectiva, torna-se dispensável, por exemplo, a distinção entre “ponto-final”, “ponto continuativo” ou “ponto parágrafo” (presente na GT como discutido anteriormente), pois a diferença está antes na funcionalidade do sinal – em seus usos efetivos. É, portanto, a ausência de critérios no trato com a pontuação que gera confusões didáticas e teórico-metodológicas nas abordagens tradicionais.

Além disso, os seguintes eixos são apresentados para discutir a natureza do fenômeno de pontuar: níveis de ocorrência da pontuação; sua função; e os tipos de sinais de pontuação e

⁶Dahlet (2006) cria o neologismo *puntuacional* - derivado de “da pontuação” - para evitar o uso contínuo do sintagma preposicional. Reproduzo-o aqui com o mesmo objetivo.

suas respectivas funcionalidades⁷. Os sinais de pontuação atuam em três níveis diferentes: nível de palavra, nível de frase e nível de texto, sendo o segundo mais importante para a presente investigação. Este nível corresponde não somente aos atos *puntuacionais* ocorrentes dentro de uma oração (como a **vírgula** /,/ ou o **hífen** /-/), como também aos que ocorrem dentro e entre períodos (**as reticências** /.../, o **ponto-e-vírgula** /;/ ou o próprio **ponto** /./).

Quanto à função, Dahlet (2006) afirma que a pontuação “é consubstancial à produção textual, ou seja, simultânea e não consecutiva, já que a pontuação é operadora sintática e semântica” (DAHLET, 2006, p. 37). Portanto, ela é um constituinte direto da produção do discurso escrito e sua ausência gera rupturas no ato comunicativo.

Um exemplo que ratifica essa propriedade da pontuação é o emprego da **vírgula** /,/ para distinguir as cláusulas, nomeadas pela tradição, subordinadas adjetivas restritivas das adjetivas explicativas. Esse uso é explicitado em várias gramáticas tradicionais, como se observa no fragmento a seguir:

As RESTRITIVAS, como o nome indica, restringem, limitam, precisam a significação do substantivo (ou pronome) antecedente. São, por conseguinte, indispensáveis ao sentido da frase; e, como se ligam ao antecedente sem pausa, **dele não separam, na escrita, por vírgula.**

[...]

As EXPLICATIVAS acrescentam ao antecedente uma qualidade acessória, isto é, esclarecem melhor sua significação, à semelhança de um aposto. Aliás, por isso mesmo, não são indispensáveis ao sentido *essencial* da frase. Na fala, separam-se do antecedente por uma pausa, **indicada na escrita por vírgula** [...].

(CUNHA E CINTRA, 2001, p. 405 – 406; grifos meus)

Nota-se que na afirmação de Cunha e Cintra (2007), o único elemento que no âmbito da escrita distingue os tipos de subordinadas adjetivas é o uso da pontuação. Como apontam indiretamente os autores, a presença ou ausência da **vírgula** /,/ modifica não só o estatuto sintático, como também altera a interpretação discursiva das cláusulas em destaque, o que ratifica a afirmação de Dahlet (2006).

Quanto ao *corpus* dos sinais de pontuação, a autora separa-os em: de pontuação de palavra – os sinais que atuam no nível da palavra; e de pontuação de frase, que, por sua vez, são separados em enunciativos e sequenciais, segundo sua funcionalidade.

Os sinais de pontuação com funcionalidade enunciativa são aqueles que indicam todas as formas de citação ou que promovem um efeito de sentido de distanciamento entre o enunciador e o enunciado (DAHLET, 2006, p. 51). Dentre eles estão: **dois-pontos** /:/,

⁷ Utilizo aqui **função** para remeter à função geral da pontuação e **funcionalidade** referindo-se às funções pontuais de cada sinal de pontuação em seus usos distintos.

parênteses / () /, ponto de interrogação / ? /, ponto de exclamação / ! /, reticências / ... / etc.

Já os sinais com funcionalidade sequencial são assim denominados, pois delimitam um segmento de texto à esquerda e à direita, formando assim uma sequência. Segundo a autora, a **alínea** (espaço em branco entre um parágrafo e outro), o **ponto /./**, o **ponto-e-vírgula /;/** e a **vírgula /,/** “segmentam [...] o *continuum* da escrita, delimitam as sequências [...] e, por fim, hierarquizam-nas” (DAHLET, 2006, p. 50). Nessa lógica, o sinal de maior amplitude é a **alínea** – pois delimita as maiores sequências (parágrafos), sendo seguida pelo **ponto /./**, **ponto-e-vírgula /;/** e **vírgula /,/**.

No entanto, tanto a pontuação de palavra quanto a pontuação de frase podem assumir ainda outra dimensão. Por exemplo, o título do trabalho que fundamenta a teoria de Dahlet (2006) – *As (man)obras da pontuação* – apresenta o uso dos **parênteses / () /** em um funcionamento denominado pela autora enunciativo-pragmático. Ao utilizar o sinal para cortar a palavra “manobras”, ampliam-se as possibilidades de interpretação do trecho, a saber: “as obras da pontuação”; “as manobras da pontuação”; ou, ainda, “as obras-manobras da pontuação”, veiculando assim sentidos não previstos por uma pontuação convencional.

Esse funcionamento pragmático-enunciativo só é possível, pois a pontuação é operadora sintática e semântica. E, por atuar na sintaxe e na semântica do texto, pode atuar também em sua pragmática.

Assim como o **parênteses / () /**, o **ponto /./** também pode assumir um funcionamento pragmático-enunciativo como evidenciado por meio do exemplo (10). Ao destacar a cláusula (ao marcar o *desgarramento*), o sinal rematiza o segmento destacado e gera o peso argumentativo (DAHLET, 2006, p. 250), revelando assim uma intenção comunicativo-argumentativa presente nesse ato *pontuacional*.

No seguinte exemplo, o **ponto /./** apresenta esse mesmo funcionamento:

(11)

[Anthony Garotinho: meu governo] será um governo de rompimento com o atual modelo, que privilegia o capital especulativo em prejuízo dos que trabalham e produzem. **Que privilegia os juros e persegue os salários. Que privilegia os interesses do capital internacional, em prejuízo do empresariado nacional.**

(F. S.P., 14.08.02 *apud* DAHLET, 2006, p.251; grifos meus)

As cláusulas em negrito estão *desgarradas*, portanto, rematizadas; sua força argumentativa, assim como sua independência sintática, é marcada pelo **ponto /./** de

argumentação⁸.

(10a)

Neste cenário desfavorável, alternativas surgem e animam o jovem estudante, como o sistema de cotas. Esta saída promete ao aluno uma perspectiva maior numa sociedade excludente em que é obrigado a lidar todos os dias; **ainda que a parte majoritária do país seja marcada pela pobreza.** (*Desgarrada* 16 - Hipotática adverbial 4)

Poder-se-ia argumentar, contudo, que o uso do **ponto-e-vírgula /;/** promoveria o mesmo efeito de sentido nesse contexto, como em (10a). Entretanto, a presença do **ponto-e-vírgula;/** (de menor amplitude) em (10a) estabelece⁹ um vínculo sintático com a porção de texto anterior e a argumentatividade do trecho cláusula é drasticamente atenuada. Isso não significa que o **ponto-e-vírgula /;/** não possa ser empregado com valor argumentativo, porém, em comparação, o **ponto ./ de argumentação** é muito mais produtivo.

Então, o **ponto ./** é o sinal de pontuação de maior amplitude, depois da **alínea**. Por excelência, “anuncia que ali acaba algo e começa algo de novo” (DAHLET, 2006, p. 250) e é essa característica que motiva seu uso em detrimento dos demais sinais de sequência. Como evidenciado em (10) e (11), ele opera a favor da argumentação e isso é possível, porque seu grau de amplitude permite-lhe “segmentar no coração da unidade sintático-semântica” (DAHLET, 2006, p. 254), evidenciando a independência sintática das cláusulas.

Em suma, as cláusulas são *desgarradas* e o ponto é argumentativo, porque a natureza discursiva da argumentação no registro comunicativo escrito do português brasileiro os motiva a tal. E não há erro. Essas ocorrências estão antes relacionadas ao próprio estilo de escrita dos alunos, a estilística que constitui sua “escrevência”.

4 METODOLOGIA

O *corpus* desse estudo foi coletado a partir de textos do banco de redações do *site: educacao.uol.com.br*. A plataforma “Educação UOL” funciona como uma tutoria de produção textual *online* para estudantes que desejam realizar provas de vestibular. Os textos desses

⁸ Cf. Dahlet (2006), capítulo 10.

⁹ “Estabelecer” e não “reestabelecer”! Ao contrário do que o nome transparece, as cláusulas *desgarradas* não se desafixaram de uma “estrutura-mãe”. Elas são, por natureza discursiva, sintaticamente independentes.

estudantes são submetidos ao *site*; eles são corrigidos, avaliados e comentados; e após um mês, são postados no endereço eletrônico com a correção e avaliação. Essas redações ficam disponíveis publicamente. Para esse estudo, analisaram-se os textos postados de agosto de 2015 a junho de 2016; ao todo, foram analisados cento e noventa e sete redações de *vestibulandos* para a composição do *corpus*.

A investigação do *desgarramento* a partir desse tipo de texto (redações de vestibular) têm algumas motivações centrais:

1. A produção textual nessa situação específica tende a ser mais monitorada e ter menos liberdade de estilo. Verificar a produtividade do fenômeno nesse contexto permite depreender sua relevância como recurso linguístico;
2. E, além disso, o *desgarramento* mostra-se produtivo em textos “que apresentam, em sua estrutura organizacional, sequências tipológicas argumentativas, dada a natureza de convencimento, de persuasão exibida por certos gêneros textuais” (DECAT, 2004, p. 86), como é o caso das redações de vestibular¹⁰.

Ao longo do estudo, houve tentativas de entrar em contato com a equipe do *site* para descobrir mais informações sobre critérios de correção e nível de instrução dos corretores/avaliadores das redações, porém não houve sucesso. Das cento e noventa e sete redações dissertativo-argumentativas analisadas, foram identificados dezenove casos de cláusulas desgarradas.

Os dados de *desgarramento* foram analisados a partir dos seguintes parâmetros:

1. **Tipo de *desgarrada*** – se hipotática adverbial (segundo a GT, subordinada adverbial) ou hipotática relativa apositiva (segundo a GT, subordinada adjetiva);
2. **Formato do articulador** – qual e se há um articulador que encabeça a *desgarrada*. Alguns articuladores comuns (Decat, 2011): [.Que], [.O que], [.Conjunção] (este último para as hipotáticas adverbiais);
3. **Função textual-discursiva** – adendo, avaliação, retomada e foco;
4. **Tipo de sequência em que a *desgarrada* ocorre** – se descritiva, narrativa, argumentativa, injuntiva ou expositiva;

¹⁰Redação de vestibular não é um gênero textual específico. Hass e Guimarães (2014) discutem e chegam a essa conclusão em seu artigo.

5. **Elemento com o qual se articula** – se com um verbo, com uma oração, com um sintagma ou com uma porção de texto inteira;
6. **Conteúdo semântico veiculado** – esse fator só se aplica às hipotáticas adverbiais por já terem, por sua natureza adverbial, conteúdo semântico;
7. **Modo verbal da cláusula** – se indicativo, subjuntivo, imperativo ou se não tem modo verbal;
8. **Status do articulador** – se não-prototípico, prototípico, híbrido ou se não tem articulador;
9. **Forma da cláusula**– se reduzida ou desenvolvida;

5 RESULTADOS OBTIDOS E ANÁLISE

Após a leitura das redações, foram verificados dezenove dados de cláusulas hipotáticas *desgarradas*, resultando numa frequência de um caso a cada dez redações. Quanto ao tipo de *desgarrada*, identificaram-se doze dados de hipotáticas relativas apositivas (doravante **HRA**) e sete dados de hipotáticas adverbiais (doravante **HA**), como indicado pelo Gráfico 1 a seguir. Portanto, 63 % do *corpus* é composto de **HRA** e 37% de **HA**.

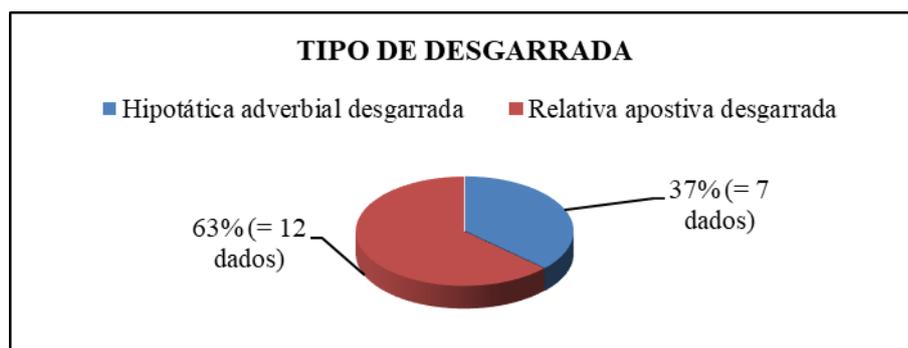


Gráfico 1 – Tipo de desgarrada

Os exemplos seguintes ilustram dados do fenômeno em **HRA** e **HA**, respectivamente. A cláusula **HRA** exemplificada em (1) é iniciada por [.O que] e ilustra uma tendência observada no *corpus* (cinco dados encabeçados pelo mesmo articulador, como será verificado a seguir). O exemplo de **HA** é iniciado pelo articulador prototípico “para”.

Além disso, esse anseio exagerado em se tornar belo pode trazer inúmeros problemas de saúde. Na tentativa de encontrar o método mais barato, para manter a boa forma, o indivíduo acaba por ser entregue nas mãos de falsos médicos. **O que devido a um trabalho mal feito ocasiona infecções, alergias, doenças mais graves e até mesmo morte.** (*Desgarrada 1 - Hipotática relativa apositiva 1*)

(2)

E visto isso, é de extrema importância a manutenção de veículos que visem a conscientização social a respeito do tema. **Para que, progressivamente, se venha a disseminar as ilusões e contradições que existem no padrão atual que idolatra a estética física, e lentamente destrói a saúde, não apenas fisiológica, mas também mental.** (*Desgarrada 13 - Hipotática adverbial 1*)

Não se verificou nesse estudo o porquê da disparidade entre os dados de **HRA** e **HA**. Uma hipótese pode apontar para a tendência de *desgarramento* de estruturas iniciadas por [.O que], como afirma Decat (2001):

“...o pronome relativo que inicia o segmento oracional funciona como uma espécie de **pronome resumidor**, referindo-se a todo o texto anterior e não a um único elemento [...]. Essa função resumidora das adjetivas sem cabeças¹¹ é um fator semântico que contribui para que ocorram desgarradas.”

(DECAT, 2001, p. 109)

No próprio estudo da autora sobre esse tipo de cláusula, há vinte e dois dados de **HRA desgarradas** de estrutura [.O que] em um total de cento e trinta e seis ocorrências (cf. Decat, 2001), correspondendo esse total às estruturas *desgarradas* e não *desgarradas*.

Nessa investigação, também se verificou uma quantidade relevante de estrutura tipo [.O que]. Das doze cláusulas *desgarradas* **HRA**, cinco casos são desse tipo, dois casos são de estrutura tipo [.Que] e há cinco casos de estruturas [.Gerúndio], como se pode observar no Gráfico 2.

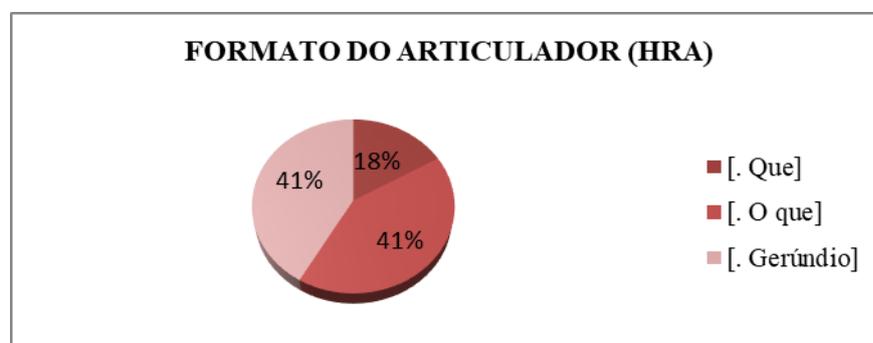


Gráfico 2 – Formato do articulador (HRA)

Sobre os articuladores das estruturas **HA desgarradas**, verificou-se dois dados de

¹¹Isto é, das cláusulas hipotáticas relativas iniciadas por “o que”.

[.Gerúndio] e um dado de [.Conjunção] – sendo essa a conjunção *para* – e quatro dados com articuladores não-prototípicos, sendo eles: *pois*, *visto que*, *além de* e *ainda que* (Gráfico 3).

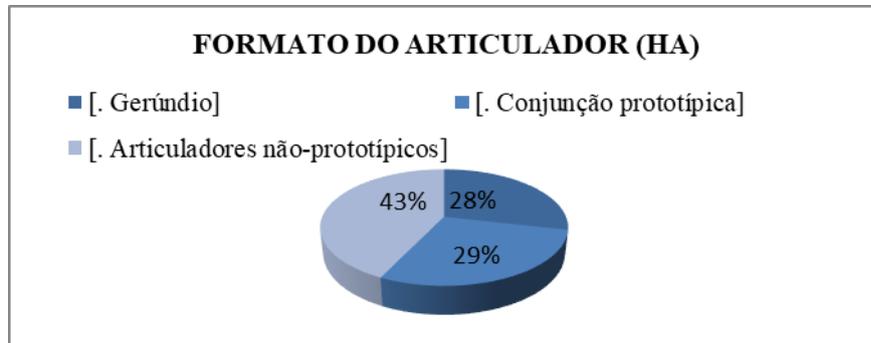


Gráfico 3 – Formato do articulador (HA)

Obviamente, tratando-se de um estudo de linha funcionalista, a prototipia ou não dos elementos que encabeçam uma cláusula não é fator discriminatório. Esse parâmetro se justifica para investigar o comportamento dos dados, entretanto, não se observou nenhuma tendência nos dados de **HA** a esse respeito.

Quanto ao parâmetro “elemento com o qual a desgarrada se articula”, obteve-se os resultados observados na Tabela 1. Dos doze casos de **HRA desgarradas**, dez mantêm relação com toda a porção de texto anterior, sendo cinco casos de estruturas tipo [.O que] e cinco casos de estruturas tipo [.Gerúndio]. Os outros dois casos se articulam com um sintagma nominal e são de estruturas [.Que].

	Hipotáticas relativas apositivas	Hipotáticas adverbiais
Porção de texto	10	3
Cláusula	0	4
Verbo	0	0
Sintagma nominal	2	0

Tabela 1 – Elemento com o qual a desgarrada se articula

Em análise, esse dado confirma a afirmação de Decat (2001) sobre as estruturas [.O que] não terem referente explícito e/ou específico. O exemplo a seguir ilustra isso:

(3)

Uma jovem de 16 anos, foi monstruosamente estuprada por 33 homens que a levaram desacordada para o local conhecido como "abatedouro". Além disso, um dos indivíduos utilizou seu perfil no Twitter para divulgar o ocorrido. **O que nos faz pensar o quão longe pode chegar a maldade da raça humana.** Além de ter acontecido essa monstruosidade, a jovem ainda foi violentada, como se não bastasse, os indivíduos ainda tiveram a crueldade de machucar a garota, deixando não só marcas sentimentais, mas físicas também. (*Desgarrada 12 - Hipotática relativa*)

apositiva 12)

Em (3), é impossível identificar se “o que nos faz pensar o quão longe pode chegar a maldade da raça humana” é a atrocidade do estupro coletivo sofrido pela jovem ou o fato do crime ter sido divulgado *online*. O pronome resumidor “o” (cf. Decat, 2001, p. 109) e o “que”, aliados ao fenômeno do *desgarramento* e ao *ponto ./ de argumentação* impossibilitam estabelecer um referente específico com o qual a *desgarrada* se articularia. Essa ausência referencial com essas estruturas reforça sua independência informacional, facilitando, portanto, sua ocorrência *desgarrada*.

Esse mesmo comportamento observa-se também em *desgarradas* iniciadas por [.Gerúndio]. Tanto nas **HRA** quanto nas **HA** iniciadas por essa forma nominal de verbo, não é possível recuperar uma referência explícita a um elemento. Dessa forma, o conteúdo informacional dessas *desgarradas* recai sobre toda porção textual que as precede.

Dos três casos de **HA** que se articulam com uma porção de texto na Tabela 1, dois deles são de estruturas [.Gerúndio]. Nessas estruturas, a própria natureza da cláusula já dificulta o reconhecimento de um elemento com o qual ela se articularia.

(4)

O Governo, portanto, deve investir amplamente na educação da sociedade e pontualmente na conscientização da família acerca dos mecanismos de coibição contra a violência sexual. **Oferecendo incentivo às empresas para financiar campanhas e projetos em prol dos adolescentes de baixa renda que vivem em situações preocupantes.** (*Desgarrada* 19 - Hipotática adverbial 7)

Em (4), a forma de ação proposta para o governo investir tanto na “*educação da sociedade*” e quanto na “*conscientização da família acerca dos mecanismos de coibição contra a violência sexual*” é a mesma. A posposição da **HA** aliada, novamente, ao *ponto ./ de argumentação* condicionam o conteúdo semântico a recair sobre todos os elementos anteriores e, assim, não há um elemento específico com o qual a reduzida de gerúndio se articula.

Além das reduzidas de gerúndio, a **HA** iniciada por [.Visto que] também se articula com uma porção de texto, porém as motivações para essa ocorrência são diferentes. Ao invés de não ter um referente específico, como nas *desgarradas* [.Gerúndio] e [.O que], a cláusula em questão estabelece vínculo com as porções textuais anterior e seguinte a ela.

(5)

Os colégios militares do Brasil têm apresentado bons resultados, pois o sistema de educação é mais rígido. **Visto que alcançou destaque no Enem (Exame Nacional**

do Ensino Médio) do ano passado. Nessas instituições o nível de indisciplina, violência e vandalismo são menores. Os professores exercem mais influência e as regras são mais rígidas. Quando se está em um ambiente sociável que impere respeito, o aluno tende a se motivar e aprender mais. (*Desgarrada 14 - Hipotática adverbial 2*)

Pode-se observar que a informação veiculada pela *desgarrada* refere-se tanto a “Os colégios militares do Brasil [...] mais rígido” quanto a “Nessas instituições [...] são menores”. Por meio da pontuação, o escrevente coloca a *desgarrada* como ponte (cf. Decat, 2011, p. 143) entre as cláusulas coordenadas e reforça sua autonomia informacional. Funcionando como ponte-de-transição, a **HA** (5) “constitui [...] uma retomada de informação, estabelecendo, portanto, um elo entre o discurso precedente e o subsequente” (DECAT 2011, p. 143).

(5a)

Os colégios militares do Brasil têm apresentado bons resultados, pois o sistema de educação é mais rígido. **Visto que alcançou destaque no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) do ano passado,** nessas instituições o nível de indisciplina, violência e vandalismo são menores. [...]. (*Desgarrada 14 - Hipotática adverbial 2*)

Se ao invés de **ponto /./**, houvesse uma **vírgula /,/** antes ou depois da cláusula *desgarrada*, como em (5a), não haveria *desgarramento* e a função exercida pela **HA** seria outra. Portanto, nesse caso, existe não só um, mas dois **pontos /./ de argumentação**, visto que a segmentação, que demarca a independência sintática e condiciona o *desgarramento* da **HA**, ocorre dos dois lados da cláusula. Essa ocorrência específica exerce uma função textual-discursiva denominada por Decat (2011) de **retomada**.

Além da **retomada**, as cláusulas desgarradas exercem ainda função textual-discursiva de **adendo, avaliação e foco**. Como observado em (5), esse artifício linguístico é resultante da articulação das cláusulas na organização textual e permite entender a intenção comunicativa do escrevente.

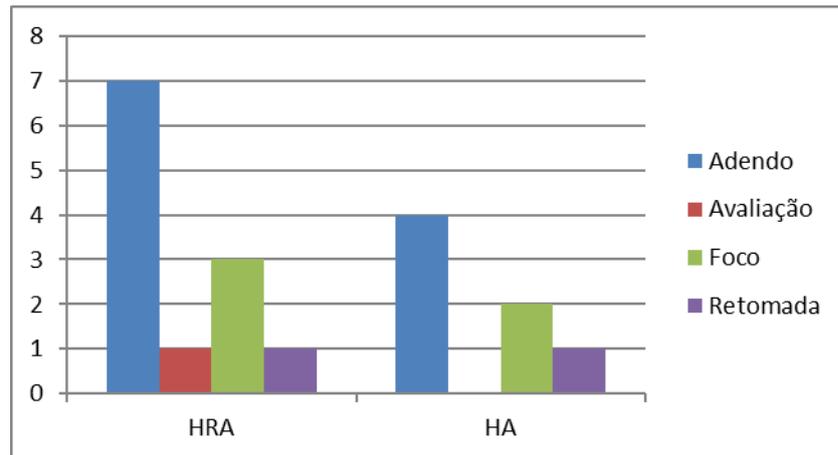


Gráfico 4 – Função textual-discursiva

O gráfico 4 mostra as funções textual-discursivas das **HRA** e das **HA**, no qual a função mais frequente é o **adendo** com onze ocorrências (sete casos em **HRA** e quatro casos em **HA**), concordância do **foco** com cinco ocorrências (três casos em **HRA** e dois em **HA**). A seguir, encontram-se dois dados de **HA** respectivamente com função de **adendo** e **foco**.

(6)

Neste cenário desfavorável, alternativas surgem e animam o jovem estudante, como o sistema de cotas. Esta saída promete ao aluno uma perspectiva maior numa sociedade excludente em que é obrigado a lidar todos os dias. **Ainda que a parte majoritária do país seja marcada pela pobreza.** (*Desgarrada* 16 - Hipotática adverbial 4)

(7)

Segundamente a aprovação no Congresso Nacional sofreu grande pressão popular, já que todo paciente diagnosticado com neoplasia maligna, por natureza humana, seria capaz de ingerir qualquer remédio que pudesse apresentar melhora, por menor que fosse. **Ignorando assim, todos os efeitos colaterais que a droga pode oferecer.** (*Desgarrada* 18 - Hipotática adverbial 6)

Em (6), a cláusula em destaque apenas complementa o conteúdo da anterior. “Ainda que a parte majoritária do país seja marcada pela pobreza” é satélite, parênteses, à informação sobre a cota como uma saída que promete ao aluno uma maior perspectiva. Apesar da proposição relacional de concessão trazida por essa *desgarrada* adverbial, a relação que emerge entre as cláusulas é de adendo.

No trecho seguinte, entretanto, o movimento textual é outro. A *desgarrada* em (7) é o ponto de culminância do discurso. Todos os apontamentos feitos ao longo do trecho resumem-se na cláusula adverbial, que funciona, portanto, como o foco do texto.

Além dessas duas funções, houve ainda um caso de **avaliação** e dois casos de **retomada**. Para melhor elucidar o caso de **avaliação**, porém, é interessante analisá-los em cotejo com as informações trazidas pela tabela a seguir (referente ao parâmetro de análise 4,

“tipo de sequência em que a *desgarrada* ocorre):

	Hipotáticas relativas apositivas	Hipotáticas adverbiais
Expositiva	7	0
Descritiva	4	1
Argumentativa	1	6
Injuntiva	0	0
Narrativa	0	0

Tabela 2 – Tipo de sequência na qual a desgarrada ocorre

Pode-se observar que a maioria das **HRA** não ocorre em sequências argumentativas, como se esperaria de redações de vestibulandos. Isso por que muitas dessas redações se propõem argumentativas, porém acabam tendo mais sequências expositivas ou descritivas. A seguir um trecho expositivo:

(8)

Os avanços tecnológicos das últimas décadas estão cada vez mais notórios e mais integrados ao nosso cotidiano. As mudanças trazidas por essa nova etapa da história da humanidade, que já é chamada por alguns de quarta revolução industrial, tem influenciado assim como as anteriores, as taxas de desemprego da população. **Deixando obsoletas várias funções antes ocupadas por uma grande parte de trabalhadores. Remanescendo apenas aqueles cujo o perfil se enquadra nas novas necessidades.** (*Desgarrada 9* - Hipotática relativa apositiva 9)

No trecho, não há argumentos. O escrevente apenas expõe fatos sem veiculá-los a uma tentativa clara de convencimento do leitor, mesmo podendo haver certa argumentatividade no todo do texto¹². Esse fato confirma a postulação de Decat (2004) sobre o *desgarramento* não ser:

“uma estratégia argumentativa específica de determinado gênero¹³, ou seja, dependendo não só do suporte linguístico que veicula a informação, como também do domínio discursivo em que um gênero se insere, é possível ocorrerem ou não, estruturas do tipo que está sendo analisado.”

(DECAT, 2004, p.86)

Há, porém, uma ocorrência de **HRA** em sequência argumentativa e essa exerce exatamente função textual-discursiva de **avaliação**.

(9)

¹² Para consulta ao texto completo citado, verificar Figura 1 no anexo.

¹³ Retomo Hass e Guimarães (2014) sobre redação de vestibular não ser um gênero específico.

Dessa forma a pesquisa da fosfoetanolamina deve ser incentivada e ampliada pelo governo, para que possam ser efetivadas como tratamento para o câncer. **O que traria uma visão positiva para o Brasil como um país de realização.** Haja vista que também é necessário a colaboração da sociedade brasileira com ONGs campanhas e incentivo para melhor uso do medicamento. Assim logicamente chegara-se a um consenso do uso do tratamento com a pílula. (*Desgarrada* 11 - Hipotática relativa apositiva 11)

A *desgarrada* assevera o argumento proposto na porção textual anterior. É importante ampliar a pesquisa da fosfoetanolamina, porque, além dos benefícios para os pacientes com câncer (argumento 1), também seria importante para a imagem internacional do Brasil, como afirma o argumento 2 presente na **HRA**.

Sobre isso, é prematuro afirmar que a função de **avaliação** ocorra somente em sequências textuais argumentativas, visto que há apenas um dado no *corpus*, porém é inegável que a natureza argumentativa do trecho propicia a ocorrência dessa função textual-discursiva e vice-versa.

As sequências nas quais as **HA** ocorrem são em sua maioria sequências textuais argumentativas. Isso se justifica pela própria natureza das cláusulas adverbiais. As seis **HA** que ocorrem em sequências argumentativas têm conteúdo semântico de: finalidade, modo, dois casos de causa, consequência e modo novamente – respectivamente encabeçadas por: [.Para], [.Além de], [.Visto que], [.Pois], [.Gerúndio] e [.Gerúndio] novamente. A única **HA** ocorrente em sequência textual descritiva é encabeçada por [.Ainda que]¹⁴ e tem conteúdo semântico de concessão.

Os últimos dois parâmetros utilizados para analisar os dados de *desgarramento* estão resumidos na tabela 3 a seguir. Porém não se verificou nenhuma tendência nesses dados e sua análise em cotejo com outros parâmetros também não se demonstrou relevante para o todo da pesquisa.

	Modo verbal da cláusula			Forma da cláusula	
	Indicativo	Subjuntivo	Não se aplica	Desenvolvida	Reduzida
Hipotáticas relativas apositivas	6	1	5	7	5
Hipotáticas adverbiais	3	1	3	4	3

Tabela 3 – Modo verbal da cláusula e forma da cláusula

Por fim, após a apresentação e análise dos resultados obtidos nesse estudo, pode-se concluir que o *desgarramento* é um fenômeno legítimo e produtor na língua portuguesa. Na

¹⁴ Voltar em exemplo (6).

próxima seção, encontra-se uma breve conclusão sobre a discussão aqui apresentada.

6 CONCLUSÃO

Após a análise dos resultados, verifica-se que o *ponto ./ de argumentação* é o principal índice do fenômeno do *desgarramento* e a partir da ocorrência das cláusulas hipotáticas isoladas pela pontuação, o escrevente não só modifica a estrutura sintática do texto como também seu sentido. Entendendo que à Estilística pertence o conjunto de elementos linguísticos que o escrevente se utiliza para veicular uma informação, o *desgarramento* e o uso da pontuação aqui se revelam ferramentas efetivas do processo de escrita e de sua argumentação.

Com isso, confirma-se a postulação de Dahlet (2006) de que a pontuação é operadora sintática e semântica e ratifica-se que a cláusula hipotática *desgarrada* é “produzida pelo falante/escritor já como uma estrutura não anexada sintaticamente ao que a antecede e não [...] como uma estrutura que teria se *desgarrado*, se desprendido de uma ‘estrutura-mãe’” (DECAT, 2011 p. 114).

No que se refere aos textos investigados, verificou-se uma preferência por **HRA** (12 casos) em detrimento de **HA** (7 casos), porém esse estudo não traz respostas sobre o porquê dessa disparidade. Talvez possa ser objeto para futuras investigações. Observou-se ainda uma maior ocorrência de hipotáticas apositivas introduzidas por [. O que] (relativas sem cabeça - Decat, 2011) e hipotáticas reduzidas de gerúndio, que compõe 40% (7 dados) do *corpus*.

No que tange aos aspectos “modo verbal da cláusula” e “forma da cláusula” estes não se apresentaram produtivos, tendo resultados bem balanceados e sem indicação relevante para a pesquisa.

Por fim, os dados apresentados por esse estudo demonstram a produtividade do *desgarramento* e seu poder ilocucionário no todo textual. A partir disso, fica claro a necessidade de reformular a perspectiva e estratégias de ensino da sintaxe do português nas escolas brasileiras, de forma prestigiar uma visão que permita maior reflexão e autonomia aos alunos em suas produções textuais.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37^a ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CHAFE, W. L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W.L. (ed.). **The Pear Stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production**. Norwood: Ablex, 1980.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DAHLET, V. **As (man)obras da pontuação: usos e significações**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

DECAT, M. B. N. **Leite com manga morre: da hipotaxe adverbial no português em uso**. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua. São Paulo, LAEL/PUC, 1993.

_____. **Orações adjetivas explicativas no português e no português europeu: aposição rumo ao ‘desgarramento’**. In: Scripta (Linguística e Filologia), vol. 5, nº 9. Belo Horizonte: PUC Minas, 2º sem 2001a, p. 104-118.

_____. **Orações relativas positivas: SNs ‘soltos’ como estratégia de focalização e argumentação**. In: Veredas (Conexão de orações), vol. 8, nº 1 e 2, jan./dez. 2004. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, p. 79-101.

_____. **A hipotaxe adverbial em português e sua materialização como estruturas desgarradas**. (Descrição do Português). VIII Seminário em Linguística e Língua Portuguesa, Araraquara, UNESP, 2008b.

_____. **A função focalizadora de estruturas desgarradas no português falado e escrito: um estudo funcionalista de orações em sua ocorrência como enunciado independente**. II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa – SIMELP, Universidade de Évora, Évora-Portugal, outubro de 2009a: www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg5/08.pdf

_____. **A hipotaxe adverbial em português: materializações e funções textual-discursivas**. II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa – SIMELP, Universidade de Évora, Évora-Portugal, outubro de 2009b: www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg41/07.pdf

_____. **Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

HASS, D. D.; GUIMARAES, A. M. M; Redação de vestibular: um gênero de texto?/Composition of the university entrance exam: A textual genre?. In: **Revista Entrelinhas** – vol. 8, nº 1, jan./jun. 2014: <http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/82/4275>

LIMA, C. H. R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 45ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira**. (supervisão: Lya Luft; organização: Marcelo Módolo; consultoria técnica: Mário Eduardo Viaro) 2ª ed. rev. e atual. São Paulo: Globo, 2002.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Grammaticalization across clause. In: **Grammaticalization**. CUP: Cambridge, 1993.

MATTHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra A. The structure of discourse and ‘subordination’. In: HAIMAN; THOMPSON (Ed.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988.

SONCIN, G.; TENANI, L. Emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. In: **Filologia E Linguística Portuguesa**, 17(2), 473-493 , 2016. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i2p473-493>

TENANI, L. E.; SONCIN, G. C. N. **O emprego de vírgulas: evidências de relações entre enunciados falados e escritos**. In: II Simpósio Mundial de Língua Portuguesa, 2010, Évora. Estudos de Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. Évora: Universidade de Évora. v. 01, 2010. 44-65p.

8 APÊNDICE – *CORPUS* DO ESTUDO

QUADRO DE CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS DO *CORPUS*

Desgarrada 1 - Hipotática relativa apositiva 1

Além disso, esse anseio exagerado em se tornar belo pode trazer inúmeros problemas de saúde. Na tentativa de encontrar o método mais barato, para manter a boa forma, o indivíduo acaba por ser entregue nas mãos de falsos médicos. **O que devido a um trabalho mal feito ocasiona infecções,**

alergias, doenças mais graves e até mesmo morte.

Desgarrada 2 - Hipotática relativa apositiva 2

Atualmente, vivemos em uma ditadura de padrões estéticos. **Que leva uma generosa parcela da sociedade a se submeter a variados tratamentos em prol da aparência.** Recentemente, a mídia tem relatado vários casos preocupantes a respeito desse assunto, envolvendo vítimas de complicações e rejeições a estes tipos de tratamento. A importância de um tema tão notório estimula uma reflexão a cerca dos limites saudáveis que margeiam a preocupação com a forma física e a estética.

Desgarrada 3 - Hipotática relativa apositiva 3

Em virtudes dos fatos mencionados, conclui-se que, cirurgias plásticas está ocupando grande espaço atualmente, tornando-se já uma obsessão entre a população. Dificilmente o auto bem estar consigo mesma é suficiente para não realização de procedimentos médicos. **Tendendo a cada vez mais aumentar o consumismo na forma física e anatomica.**

Desgarrada 4 - Hipotática relativa apositiva 4

Com uma educação de qualidade e disciplina exemplar, os colégios militares vem se destacando cada vez mais no requisito educação. Assim, é notável que os pais matriculem seus filhos nestes colégios, pois, se tornarão pessoas mais preparadas para o mercado de trabalho e ate mesmo para a vida fora da sala de aula. **O que para alguns é uma boa opção, mas tem aqueles que não são favoráveis á essa escolha.**

Desgarrada 5 - Hipotática relativa apositiva 5

O papel da escola seria ensinar e adaptar o aluno a sociedade, colocando como base inicial a pratica de cidadania. **Que poderia ser demonstrada com os colegas e superiores da escola.** E também ensino de matérias didáticas, colocando, assim, a formação dos profissionais, adequação de ideias, ideologias, entre outros.

Desgarrada 6 - Hipotática relativa apositiva 6

Metodologias rígidas, poderia trazer desconforto ao crescimento de intelecto do aluno. Assim, Antônio Gramsci deixa como estilo de como deve ser uma escola citando que "A tendência democrática de escola não pode consistir apenas em que um operário manual se torne qualificado, mas em que cada cidadão possa se tornar governante". **Colocando em pauta um estilo de pensamento a ser seguido, mostrando que o papel da escola é deixar e ensinar o caminho para cada aluno.** Poderia uma escola com militância almejar uma construção de escolha ao aluno?

Desgarrada 7 - Hipotática relativa apositiva 7

Outro fator indispensável é a disciplina em sala de aula. Tal comportamento dos alunos, acarreta não só numa melhor aprendizagem, mas também no desempenho do professor ao ver a turma interessada em absorver o conteúdo passado por ele. **O que gera ótimos resultados de ambas as partes.**

Desgarrada 8 - Hipotática relativa apositiva 8

um aspecto a ser considerado é a não fiscalização do governo nas atividades das empresas, recebendo apenas relatórios feitos e enviados pelas próprias. **Comprovando a não preocupação com o meio ambiente e possíveis danos causados, podendo afetar de forma gravíssima a população.** Quando levamos o nosso carro a vistoria, não estamos pensando em sua aparência, ou melhor beleza, mas sim, na segurança de nossa família e esse deveria ser a prioridade, dos órgãos fiscalizadores, da atividade

em questão, pensar na segurança da população.

Desgarrada 9 - Hipotática relativa apositiva 9

Os avanços tecnológicos das últimas décadas estão cada vez mais notórios e mais integrados ao nosso cotidiano. As mudanças trazidas por essa nova etapa da história da humanidade, que já é chamada por alguns de quarta revolução industrial, tem influenciado assim como as anteriores, as taxas de desemprego da população. **Deixando obsoletas várias funções antes ocupadas por uma grande parte de trabalhadores. Remanescendo apenas aqueles cujo o perfil se enquadra nas novas necessidades.**

Desgarrada 10 - Hipotática relativa apositiva 10

Hoje em dia, o atual governo da presidência da República é muito precário, nos últimos três anos a taxa de desemprego, o índice de desenvolvimento humano (IDH) e o produto interno bruto (PIB) da economia nacional vem caindo constantemente. **Provando a falta de gestão do governo em aplicar medidas para prevenir e mitigar esses sobressaltos.**

Desgarrada 11 - Hipotática relativa apositiva 11

Dessa forma a pesquisa da fosfoetanolamina deve ser incentivada e ampliada pelo governo, para que possam ser efetivadas como tratamento para o câncer. **O que traria uma visão positiva para o Brasil como um país de realização.** Haja vista que também é necessário a colaboração da sociedade brasileira com ONGs campanhas e incentivo para melhor uso do medicamento. Assim logicamente chegara-se a um consenso do uso do tratamento com a pílula.

Desgarrada 12 - Hipotática relativa apositiva 12

Uma jovem de 16 anos, foi monstruosamente estuprada por 33 homens que a levaram desacordada para o local conhecido como "abatedouro". Além disso, um dos indivíduos utilizou seu perfil no Twitter para divulgar o ocorrido. **O que nos faz pensar o quão longe pode chegar a maldade da raça humana.** Além de ter acontecido essa monstruosidade, a jovem ainda foi violentada, como se não bastasse, os indivíduos ainda tiveram a crueldade de machucar a garota, deixando não só marcas sentimentais, mas físicas também.

Desgarrada 13 - Hipotática adverbial 1

E visto isso, é de extrema importância a manutenção de veículos que visem a conscientização social a respeito do tema. **Para que, progressivamente, se venha a disseminar as ilusões e contradições que existem no padrão atual que idolatra a estética física, e lentamente destrói a saúde, não apenas fisiológica, mas também mental.**

Desgarrada 14 - Hipotática adverbial 2

Os colégios militares do Brasil têm apresentado bons resultados, pois o sistema de educação é mais rígido. **Visto que alcançou destaque no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) do ano passado.** Nessas instituições o nível de indisciplina, violência e vandalismo são menores. Os professores exercem mais influência e as regras são mais rígidas. Quando se está em um ambiente sociável que impere respeito, o aluno tende a se motivar e aprender mais.

Desgarrada 15 - Hipotática adverbial 3

Portanto, o Brasil ainda possui uma estrutura moral e comportamental agravante no cenário educacional. O governo deveria investir mais na educação, valorizando o professor para que este

desempenhe melhor sua função. **Além de buscar métodos mais eficientes de aprendizagem.** Como nos colégios militares, poderia focar na ordem, disciplina e respeito mútuo para formar cidadãos mais críticos e dispostos a cursar o ensino superior.

Desgarrada 16 - Hipotática adverbial 4

Neste cenário desfavorável, alternativas surgem e animam o jovem estudante, como o sistema de cotas. Esta saída promete ao aluno uma perspectiva maior numa sociedade excludente em que é obrigado a lidar todos os dias. **Ainda que a parte majoritária do país seja marcada pela pobreza.**

Desgarrada 17 - Hipotática adverbial 5

Infelizmente a mídia é um dos grandes fatores do agravamento do câncer brasileiro. Sensacionalista e instruída pelo próprio governo a mesma faz muito bem o papel de alienar a população menos informada e com poucos recursos de buscar uma informação de forma imparcial. Bandido bom é bandido morto"? se fosse assim, a chacina teria início em Brasília. Mas é preciso também, ter bom senso de saber que bandido bom, é bandido preso. **Pois ele não são as vítimas.**

Desgarrada 18 - Hipotática adverbial 6

Segundamente a aprovação no Congresso Nacional sofreu grande pressão popular, já que todo paciente diagnosticado com neoplasia maligna, por natureza humana, seria capaz de ingerir qualquer remédio que pudesse apresentar melhora, por menor que fosse. **Ignorando assim, todos os efeitos colaterais que a droga pode oferecer.**

Desgarrada 19 - Hipotática adverbial 7

O Governo, portanto, deve investir amplamente na educação da sociedade e pontualmente na conscientização da família acerca dos mecanismos de coibição contra a violência sexual. **Oferecendo incentivo às empresas para financiar campanhas e projetos em prol dos adolescentes de baixa renda que vivem em situações preocupantes.**

9 ANEXO

MECANIZAÇÃO E DESEMPREGO (novos desafios, novos horizontes)

NOTA

9,0

Os avanços tecnológicos das últimas décadas estão cada vez mais notórios e mais integrados ao nosso cotidiano. As mudanças trazidas por essa nova etapa da história da humanidade, que já é chamada por alguns de quarta revolução industrial, tem influenciado [têm influenciado,] assim como as anteriores, as taxas de desemprego da população. Deixando [população, por deixar] obsoletas várias funções antes ocupadas por uma [um] grande parte [número] de trabalhadores. Remanescendo [Remanescem] apenas aqueles cujo o perfil [perfil] se enquadra nas novas necessidades.

Apesar dessas consequências ruins, a crescente mecanização [informatização] do mercado de trabalho não deve ser demonizada. Até porque é uma realidade inevitável. Devido a [inevitável, devido à] incessante busca pelo progresso, marca registrada de uma sociedade capitalista. A diferença é que nesse atual contexto, tarefas repetitivas, que demandam esforço físico ou até as de baixa complexidade, mesmo não sendo tão repetitivas assim, estão sendo substituídas por novas máquinas, aplicativos, grupos de redes sociais ou novos modelos de negócio. Sem mencionar que a internet cataliza essas mudanças para uma escala global. Influenciando [global, influenciando] fenômenos globais nunca antes vistos.

Entretanto [Entretanto,] é necessário acompanhar atentamente essas mudanças para atenuar problemas sociais que podem ocorrer com os altos níveis de desemprego [desemprego, tais] como: desigualdade social, fome, violência, baixo rendimento da economia e altos índices de criminalidade.

Diante disso, tratando-se de mudanças em escala global, cabe à [a] instituições como a ONU propor medidas para que os países invistam em educação para as novas necessidades do mercado. E [mercado e] reduzam barreiras para que novas empresas surjam e aproveitem essas novas demandas [de] que a sociedade irá precisar. Apesar de assustadoras, essas mudanças devem ser encaradas com otimismo e perseverança. Porque o que para alguns representa o fim dos tempos, para outros pode ser uma nova oportunidade de evoluir.

Figura 1